

A ARTE FÍLMICA E SUA PEDAGOGIA

Américo Galvão Neto

Psicólogo e mestrando em Educação no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Membro do Grupo de Pesquisa Educação/Estética do CES

Resumo: Propõe-se uma reflexão sobre a arte fílmica e sua pedagogia . Partindo da vivência em um mundo de imagens, enfoca -se a arte cinematográfica como uma das formas culturais mais significativas, transformando-se numa instância formativa poderosa. Nas relações do sujeito com a imagem ocorrem interações, em que há sempre investimento de emoções. Ver a arte cinematográfica como uma pedagogia cultural que analisa as práticas sociais e sua derivação em

Palavras-chave: Cinema, Estética e Pedagogia Cultural.

Este artigo pretende investigar a arte fílmica e sua pedagogia, situando-a para além da aquisição do saber escolar. Para tanto, o presente trabalho tem como referência o olhar da professora e psicóloga Rosália Duarte que nos revela, na obra **Cinema & Educação**, que se aprende “a aprender com filmes, a usufruir intensamente da emoção que provocam, a interpretar imagens, a refletir a partir delas, a reconhecer valores diferentes” questionando os próprios valores (Duarte, 2002, p. 11).

Aqui se fala de uma pedagogia que, ao identificar o processo de aprendizagem através da contextualização da arte fílmica, constitui uma prática social. Nesse sentido, o cinema não só é um instrumento catalizador da sensibilidade, mas também articulador de uma linguagem cultural que, por sua natureza afetiva, adentra nas possíveis relações humanas em seus mais diferentes campos sociais.

A autora afirma que não é apenas vendo filmes que nos tornamos críticos para interpretar, analisar e compreender os argumentos e as histórias contadas. Além disso, citando o sociólogo francês Pierre Bourdieu, considera que a experiência das pessoas com o cinema não é suficiente para se adquirir a “competência para ver” (DUARTE, 2002, p. 11). Essa competência, entretanto, dependerá muito das experiências culturais, escolares, da afinidade com as artes e a mídia, permitindo, assim, desenvolver formas de lidar com os produtos culturais.

A partir do momento em que o mundo vai sendo vivenciado como um conjunto de imagens, a “competência para ver”, viabilizada no espaço da educação estética, resulta da capacidade de diálogo com educando, considerando-se que a transformação das imagens em palavras possibilita uma nova maneira de narrar as próprias experiências, criando sentidos na imagem do mundo, agora enriquecida com a diversidade de olhares, leituras e saberes.

Assim, a maneira de ver do grupo social a que se pertence possibilitará interpretar as linguagens cinematográficas. Por exemplo, pela diversidade de leituras e contextualizações, um de-

terminado filme pode ser visto como romântico ou como não engajado, alienante, uma vez que o cinema não pode ser considerado espelho da realidade e sim como um meio de representação dessa realidade por ideologias e códigos próprios dos significados atribuídos por um grupo social.

Segundo a autora, as pesquisas de mercado no país registram que o gosto pelo cinema está ligado à origem social e familiar das pessoas. No Brasil, os ingressos de cinema estão entre os mais caros do mundo. O público brasileiro é constituído de 79% de estudantes universitários, em sua maioria oriundos de camadas média e altas da sociedade e que, desde pequenos, tiveram acesso à exibição de filmes oportunizados pelo ambiente familiar e social.

Entende-se que o cinema, ainda que na sua autonomia como arte, deve ser tomado como produto cultural de relevância no processo de socialização, não sendo possível analisar os conteúdos filmicos separadamente dos setores que os produzem, como os da economia, da política, das ciências e das técnicas e das outras artes (Vanoye; Goliot-Lété, 1994).

Por que então a preferência de um determinado seguimento de atores da educação por uma especial forma de arte cultural? Em resposta ao questionamento, Duarte (2002) afirma que o cinema, antes de ser uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante e que atua na formação geral das pessoas.

Fazendo um breve histórico, nas primeiras décadas do século XX, essa relação entre cinema e educação desencadeou um debate no país em diversos setores sociais, entre educadores, cineastas, políticos, movimentos anarquistas, religiosos etc. Para os anarquistas, o cinema deveria ser usado como instrumento a serviço da educação do homem do povo e da transformação social, devendo se converter em arte revolucionária. Em contraponto, os educadores combatiam o que se chamava de cinema mercantil e propunham a criação do cinema educativo, que, por certo, traria benefícios pedagógicos aos alunos, possibilitando uma nova modalidade de aprendizagem.

Isso se justifica pelo fato de que o cinema historicamente vem sendo identificado como uma arte em tese, passando a ser uma das formas culturais mais significativas. Conquistou adeptos e transformou-se numa instância formativa vigorosa, ao trazer as representações de gênero, étnicas, sexuais e de classe, demonstrando amplitude das práticas sociais. Dessa forma, os filmes são fontes importantes de conhecimento da realidade, porque propõem a reconstrução dessa realidade. A intermediação da educação é que determinará se a leitura será realista ou alienante. Ao enfatizar o conceito de socialização como uma ferramenta importante na análise de fenômenos sociais, a autora embasou-se nas correntes sociológicas. De um lado, há aqueles que identificam a socialização como um mecanismo em que o indivíduo introjeta as regras e padrões de uma sociedade. Esta demarcará o espaço dos seus participantes, por entender que tornar-se ser social significa interiorizar, pela ação educativa, “um sistema de idéias, sentimentos e hábitos, que exprimem, em nós, o grupo ou os grupos diferentes dos quais fazemos parte”. Essa concepção, desenvolvida por Émile Durkheim, vigorou na educação brasileira na primeira metade do Séc. XX.

Uma outra corrente, defendida por Georg Simmel (Apud Duarte, 2002), entende a socialização como um processo no qual o indivíduo socializado tem participação ativa e modifica o mundo social, isto é, “os indivíduos se socializam produzindo o social” (p. 16). Essa abordagem educacional propõe o rompimento da ilusão pedagógica de um par ativo/passivo (um mestre que ensina, um discípulo que aprende) em que o processo interacional oportunizará ao aprendiz uma intensa participação.

Em ambas as correntes, a educação é vista, no interior das escolas, como apenas uma das muitas formas de socialização, como um entre muitos modos de transmissão e produção de conhecimentos. Assim encontra-se aberta a identificação de espaços e circunstâncias nos quais o cinema possa dizer sobre o seu papel social.

Como prática pedagógica, a arte fílmica possibilita o espaço de interação entre espectadores, entre cinéfilos e cinema, sendo profundamente educativa. São essas possibilidades educacionais que engendram o ser social como produto de um conjunto de interações, sejam de caráter familiar, escolar, religioso, sejam aquelas vivenciadas pelas ações pedagógicas, grupos de trabalho etc.

Assim, o espaço da arte fílmica e sua pedagogia, ao apropriar-se da linguagem audiovisual, veio inaugurar um novo conceito em que a pedagogia atribuiu à imagem uma função pedagógica, facilitadora da aprendizagem e de interação entre desiguais, em função de interesses comuns. Para Duarte (2002), tanto a leitura de obras literárias, filosóficas e de outras, quanto a de filmes é uma prática social importante no contexto da formação cultural e educacional.

Nas sociedades mais desenvolvidas, a linguagem cinematográfica é considerada recurso estratégico para a construção e a preservação de identidades nacionais e culturais. Em países como a França, o cinema é uma expressão cultural legítima, sendo meio de preservação cultural da nação e da língua francesa.

No Brasil, a linguagem escrita e audiovisual ainda não se convergiram. O valor educacional e cultural do cinema não foi assimilado como arte pedagógica que viabiliza interações na produção de conhecimentos e identidades. Grande parte da população brasileira desconhece a existência da nossa produção cinematográfica, com filmes incluídos no elenco dos melhores do mundo.

Nas palavras de Duarte (2002), reiteramos que é preciso uma maior atenção e disposição dos educadores para “compreender a pedagogia do cinema, suas estratégias e os recursos de que ela utiliza para seduzir, de forma tão intensa, um considerável contingente, sobretudo de jovens” (p. 21).

Concluímos, nesse exercício de indagação sobre a arte fílmica e sua pedagogia, que as imagens e os sons têm muito a ensinar, que a educação estética do olhar pode motivar alunos a se interessarem pelo conhecimento, pela pesquisa, de modo mais criativo e envolvente que o ensino tradicional.

Referências bibliográficas

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.